

Importância da individualidade nos processos de enfermidade e cura segundo Masi Elizalde

Elizabeth Pinto Valente de Souza*

Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar, através da observação da evolução de um paciente na prática clínica, a importância do conceito de individualidade nos processos de enfermidade e cura. De acordo com Masi Elizalde, a Psora primária é o que define a individualização na totalidade expressa no composto substancial que constitui o ser humano. A Psora primária manifesta-se através da sensação imaginária da perda de uma virtude, ou dom natural, conseqüente ao desejo equivocado de possuir um atributo divino equivalente, propiciando a possibilidade do desencadeamento do estado de desequilíbrio ou enfermidade. O caso apresentado neste trabalho mostra uma paciente, com diagnóstico de depressão, que, após prescrições ineficazes, tomou o medicamento *Psorinum*. Em sua evolução pôde-se observar uma nova forma de relação da paciente com sua Psora primária, agora libertadora, igualmente correspondente a *Psorinum*, segundo o estudo da hipótese da Psora primária proposta por Masi Elizalde para este medicamento.

Palavras chave

Individualidade; Enfermidade; Cura; *Psorinum*: Caso clínico

Importance of individuality in the process of disease and cure according to Masi Elizalde

Abstract

The aim of this article is to show through the evolution of a patient from clinical practice the importance of individuality in the process of disease and cure. According to Masi Elizalde, primary Psora is the factor defining individualization in the totality expressed in the substantial compound that constitutes a human being. Primary Psora manifests through the imaginary sensation of the loss of a virtue or natural endowment consequent to the misguided wish to possess an equivalent divine attribute favoring, thus, the possibility to trigger a state of unbalance or disease. The case reported in this article describes a patient diagnosed with depression, who after several ineffective prescriptions took homeopathic medicine *Psorinum*. In her evolution it can be seen a new relationship of the patient with her primary Psora, which now is a factor of liberation, also corresponding to *Psorinum*, according to hypotheses proposed by Masi.

Keywords

Individuality; Disease; Cure; *Psorinum*: Case report

* Diretora da Escola Kentiana do Rio de Janeiro; Mestre em Educação em Ciências e Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro. ✉ betvalente@gmail.com

Introdução

Em 13 de agosto de 1995, o Professor Masi Elizalde apresentou, no “Projeto Homeopatia sem Fronteiras”, um estudo de *Psorinum* [1]. Como introdução ao estudo ele fez as seguintes considerações:

“Impressionou-me, ao tentar fazer o estudo de *Psorinum*, ver como se manifesta todo o problema do recebimento do dom preternatural da integridade, que chamamos *vis medicatrix naturae*. E me impressionou, precisamente, porque é o produto da Psora, de maneira que é uma confirmação de que Hahnemann acertou ao colocar a enfermidade na decadência da humanidade, chamando-a de Psora, e ao dar uma primordial importância, como representante desse estado da natureza caída do homem, à sarna. Como sabem, *Psorinum* é o produto da secreção da vesícula escabiosa.

Eu trabalhei somente com Clarke [2] e com a *Matéria Médica dos Nosódios* de Allen [3], porque não tem nem na *Matéria Médica das Enfermidades Crônicas* nem na *Matéria Médica Pura* as experimentações que Hahnemann fez de *Psorinum*. Há um certo número de experimentações que só podem ser encontradas em artigos, que eu tenho em alemão gótico [3].

Clarke sustenta que *Psorinum* foi experimentado completamente em várias potências, e que não conhece uma experimentação mais fiel em todas as matérias médicas [2, p. 892]. Allen sustenta que não foi suficientemente investigado nos diversos graus de potência [3, p. 344]. Opiniões completamente contrárias. Não sei com quem ficar, mas está claro que são duas coisas que temos que ter em conta, valorizando a capacidade que reconhecemos nos dois, tanto em Clarke quanto em Allen.

Outro ponto que é importante deixar claro é que muitas vezes se desconfiou dos nosódios, porque muita gente propõe que tudo parece demonstrar que os grandes medicamentos surgem de elementos naturais. Os nosódios são elementos patológicos, então têm a mesma categoria? Preocupei-me muito tempo com esse tema, sobretudo pelo problema de que Kent tinha um pouco de rechaço aos nosódios, quer dizer, por seu uso com critério etiológico, então isso também me causava uma certa antipatia, quando o prescrevia por antecedente clínico e não por sua patogenesia.

Psorinum terminou por me convencer de que é tão natural como as substâncias não provenientes de patologia. Por quê? Porque nos diz nosso esquema referencial que a natureza não negou nada ao homem para que cumpra seu fim. Ou seus fins, se pensamos em sobreviver, em manter em vida a espécie também, não somente no fim transcendente. E fiz o seguinte paralelo: é indubitável que, ao nível de sua vida diária, Adão não teria por que ser irascível, porque não tinha obstáculos contra os quais lutar para encontrar seu alimento, para conseguir sua mulher, não tinha problemas, então o irascível era uma potência que podemos supor que não existia em

Adão. Sem dúvida, quando Adão cai, o irascível aparece. Quer dizer, estava potencialmente nele, não tinha que utilizá-lo, mas o tinha.

E o mesmo ocorre se entendemos que as entidades clínicas são defensivas, por mais graves que sejam, encerram um sentido defensivo. Então penso que a capacidade de fazer uma secreção escabiosa é um elemento que o homem não tem potencialmente em si, então é uma substância natural. O mesmo com o pus blenorragico. Por isso nos deu o grande medicamento que nos deu, utilizando-o por sua sintomatologia, não por sua noção etiológica. Ver isso em *Psorinum* me deixou muito tranqüilo.

O terceiro ponto que me chamou a atenção foi que a patogenesia pintava um quadro geral a toda humanidade, a perda da integridade, sua substituição pela *vis medicatrix*; e as distintas possibilidades que apresenta esta *vis medicatrix* de chegar quase ao perfeito ou bem ficar pela metade e etc.

Seria um medicamento que em algum momento teríamos que haver dado a todos os pacientes. O que se delineava? Que o que eu teria que pesquisar para fazer a hipótese é como em qualquer outro medicamento: Qual é o motivo pelo qual algumas pessoas se identificaram com esse aspecto da lesão humana? Quer dizer, elegeram sua personalidade com base no problema da integridade, da *vis medicatrix*, da capacidade vital.

Pergunta: Todas as pessoas sensíveis aos nosódios teriam um problema com a integridade, com a *vis medicatrix*? Sim.

E os autosódios? Não são homeopáticos. São mais do que isopáticos, são identicum. Para Hahnemann, o identicum pode enfermar mais, não pode curar como o simillimum. Muitos colegas utilizam o autosódio com o critério famoso de ‘quando o medicamento bem indicado não atua’. Jamais utilizei” [1].

Caso clínico

Paciente do sexo feminino, 59 anos, casada, sem filhos, jornalista, professora de comunicação social, pintora e escultora, em tratamento há 1 ano e 4 meses.

Fala da paciente

Para destacar a fala da paciente das citações de Elizalde, apresentamo-las sempre em itálico.

Não vou a médico, não tomo remédio para nada, tenho ojeriza a essas coisas. Prefiro não enfrentar.

Estou em depressão profunda, emagreci 10 quilos. Não consigo comer, estou fazendo tratamento dentário, que também é um horror para mim, e entrei numa paranóia

que meus dentes iam cair e apodrecer, mesmo com a dentista dizendo que nada disso pode acontecer. Por isso só tomo líquidos e como coisas moles.

Não procuro médico por medo de ter uma deficiência, pânico de coisas do físico, sempre evitei tratar da saúde por medo.

Fui operada de apendicite e adenóide aos 7 anos, uma depois da outra.

Eu não senti a dor, mas vi a sangueira saindo e me dava sensação de morte e de tortura. Sentir que estão arrancando coisas de você e sangue. Lembro-me até hoje. [...]

Há dois anos atrás caí e quebrei o fêmur, operei e fiquei 3 meses numa cadeira de rodas. Isso foi muito difícil para mim, e então entrei em depressão. [...]

Eu tinha uma carreira, trabalhei em jornal, mas pela idade acabei dançando, e depois fui fazer mestrado, trabalhei dando aula na faculdade, mas não consegui ser efetivada, e depois fiquei sem trabalho [chora]. Se eu estivesse com trabalho não estaria assim sem vontade de comer e em depressão.

Não é trabalho para ocupar o dia inteiro, mas eu tinha uma carreira, trabalhei em jornal, mas pela idade acabei dançando, e depois fui fazer mestrado.

Não tenho filhos, e sem trabalho, sou doutora em gravura em metal, mas agora faço pintura para ficar com outras pessoas. Sinto-me inútil, jogada fora, como se não tivesse mais nada pela frente, somente morrer.

Durmo cedo porque não tenho o que fazer, fico sem forças para fazer as coisas e durmo cedo, acordo às 2 horas da manhã para ver se meu marido chegou, depois acordo várias vezes e às 5 horas da manhã não durmo mais... Eu só consigo fazer coisas objetivas, eu não consigo me organizar se estou sozinha, me sinto inútil, tenho que ser produtiva, útil, fazer uma coisa importante. Minha tese de mestrado foi sobre o movimento neoconcretismo.

Meus sonhos são meio pesadelos, sempre com medo, pavor de estar em perigo físico, de ser ferida, morta, atacada, sono agitado, durmo umas 4, 5 horas.

Em criança tinha medo de fantasma, de escuro, de ver coisas. Quando tinha 14 aos 18 anos eu tinha ataques de pânico, tinha sensação de desmaio, ficava com a mão suada, fria, tonturas. A rua me causava um medo difuso, que eu ia morrer sozinha. Tomava valium, e depois não conseguia ficar em lugares com muita gente, sala de aula, e passou quando saí de casa. (Agosto de 2006).

Eu acordava em pânico, eu dormia e acordava, achando que meu corpo estava degenerando, que ia desaparecer.

Essa noite sonhei que estava comendo um pastel de carne maravilhoso e quando eu olhei estava sem o dente. (Novembro de 2006).

Sinto calor e é de dentro para fora, na cabeça, no corpo, mais na cabeça e na axila, calor na parte de cima. Gosto de salgado, adoro molho de alho, cebola, sal, pimenta, gosto de coisas picantes. Adorava queijo roquefort.

Quero morrer trabalhando, ser produtiva, conseguir me expressar, ter trocas. (Agosto de 2006).

O mundo está desmoronando, está tudo tão decadente e beleza é fundamental; e meu trabalho foi elogiado como bonito, é busca da beleza. [...]

Em criança tinha eczema no braço direito e agora apareceu na perna. (Novembro de 2006).

Meu marido me admira muito pelo meu intelecto e meu conhecimento. Ele reclama que não sei cuidar da vida prática.

Eu sempre fui promissora, mas fiquei com a idéia de fracasso, de que fiquei no meio do caminho. [...]

Sempre cuidei do meu marido e de todas as doenças dele. [...]

Preocupa-me o futuro. Como é ter 64 anos? (Agosto de 2006).

Exame físico

Normal, 51 kg, PA 110 x 70 mmHg.

Minha observação da paciente

Ansiosa, com aspecto doentio, muito magra, com os cabelos bastante desalinhados e emaranhados, pálida e com muito medo. Telefonava todos os dias às 7 horas da manhã para minha casa, perguntando se ia morrer e se estava muito mal.

Entendimento

- Teme a doença, a deterioração, o futuro e a morte.
- Imagina que não conseguirá realizar, trabalhar.
- Em ególise entrega-se aos seus medos, evitando trabalho, pessoas, e nutrir-se, cuidar de sua saúde, entregando-se à deterioração.

Prescrições e resultados

Por esse entendimento foram dados *Calcarea carbonica*, *Sepia* e *Sulphur*, sem nenhuma melhora.

Após *Sulphur*, houve o aparecimento de uma erupção no tornozelo da perna direita, o que, conforme relato da paciente, já havia ocorrido em seu braço direito em outras épocas de sua vida.

O quadro clínico e miasmático da paciente se manteve inalterado, apesar da presença de um sintoma antigo cutâneo, o qual, ao longo das outras prescrições com *Sulphur*, foi diminuindo até praticamente desaparecer. Cabe aqui a observação de que a ação de um similar foi capaz de desencadear um dos parâmetros das leis de cura – o retorno de sintomas antigos na ordem inversa do seu aparecimento –, mas de forma incompleta, pela inalterabilidade da totalidade do quadro da paciente.

Foi prescrito *Psorinum* em dezembro de 2006.

Após *Psorinum*, a paciente apresenta boa evolução, evidente pela reiteração da Psora do medicamento e da paciente, esclarecendo e confirmando a prescrição.

Esta reiteração se dá através de temas e sintomas comuns à paciente e ao medicamento, confirmada com reaparecimento de sintomas antigos, desaparecimento de sintomas atuais, e permanência de outros sintomas, agora com uma nova intencionalidade, demonstrando o conceito de boa evolução com a hipótese de estar no caminho de cura homeopática pelo simillimum.

Abaixo observamos o relato da paciente, “fazendo seu caminho de volta”, isto é, retornando às suas vivências passadas, com entendimento frente a este novo estado em que se encontra, de eurritmia vital, onde as sensações imaginárias não a paralisam, mas, sim, servem como conteúdo de elaboração de suas dificuldades, características, e identidade, que por si servem como instrumento de evolução e cura.

Discussão dos resultados

Exporemos a semelhança entre os sintomas e temas do paciente e do medicamento, a partir do estudo de Elizalde de 1995.

Acho que esse remédio me ajudou muito, mudou a qualidade da minha vida.

Apareceu um eczema, tive isso foi o ano retrasado, em 2005, na perna. Usou diprogenta e depois psorex. Estava enorme. Era mais em cima também e sumiu tudo. Tive no braço quando tinha 14 anos, foi dado como eczema, mas também como psoríase, tratei com pomadas. Quando era bebê, tive um eczema no corpo todo, eu tinha que dormir enfaixada. Eles não sabem o que curou.

Usaram muitas pomadas, mas mesmo assim durou muito tempo.

Depois tive no braço direito, o ano passado, e agora saiu no tornozelo direito.

Meu marido teve que viajar e todo mundo viajou, e não consegui ninguém para ficar comigo. Tive que cuidar das coisas práticas, e eu consegui dar uma levantada porque vi que não ia morrer, que podia sobreviver a isso. Ele ficou uma semana fora. (Março de 2007).

Segundo Elizalde,

“Em *Psorinum* há o tema das erupções de todos os tipos: erupções escabiosas, secas, úmidas, herpéticas, vesiculosas, furunculosas, pustulosas, ulcerosas, crostosas, escamosas; e da cronicidade da tendência exonerativa.

Outro sintoma que mostra a sensibilidade profunda do paciente à sua tendência eruptiva: “muita depressão por causa de uma erupção no dorso da mão, que aparece durante a noite” [3, p. 350]. É uma excessiva repercussão mental que mostra que o paciente tem consciência de seu problema.

Há a afetação da pele de forma predominante; a capacidade de manter por muito tempo as exonações (não se pode suprimi-las, e tampouco as suprime espontaneamente).

Também apresenta o tema das metástases mórbidas. Tem uma tendência notável a fazer metástases diante do menor intento terapêutico equivocado [2, p. 892; 3, p. 387].

Vê-se a sensibilidade especial que tem para prognosticar uma má evolução, a consciência de que ele não tem capacidade reativa.”

Podemos observar na paciente que o reaparecimento do eczema após a medicação, e o relato de intensidade do mesmo ao longo de sua vida, bem como o desequilíbrio emocional, com crises de pânico, depois do tratamento local e desaparecimento do eczema nas duas épocas de sua vida – na adolescência e há 1 ano atrás – confirmam e esclarecem os temas colocados acima.

Neste momento, o retorno do sintoma cutâneo é acompanhado de uma melhora da totalidade da paciente, fato não ocorrido com a prescrição de *Sulphur*.

Falta de trabalho é uma coisa horrível, uma insegurança enorme. Sinto um potencial para fazer muitas coisas, mas me sinto inútil, é uma coisa muito séria ter que reinventar a vida aos 60 anos. Não é mole, não. [...]

Eu consegui pensar melhor a questão emocional. Por ter feito 60 anos, estou vivendo uma sensação de desamparo que é maior do que o pânico, pânico de que não tinha em quem confiar, que só ia ter doenças, que o futuro era terrível e que não ia ter ninguém para me apoiar. Foi o que me fez entrar nesse buraco. (Março 2007).

Segundo Elizalde,

“Em *Psorinum* há o tema do pessimismo. O pessimismo também provém da falta de vitalidade. É pessimista porque tem consciência de sua integridade débil, da incapacidade de sua *vis medicatrix naturae*. Então, como seu drama é essa perda, é pessimista, porque uma enfermidade com essas grandes faltas, exageradas na mente de *Psorinum*, obviamente vai levá-lo à morte.”

As crises de pânico são bem mais espaçadas, mas estou com mais instrumentos internos para lidar com elas, consigo contornar mais, não tenho mais suadouros e

não fico mais descontrolada, sem pé e sem chão. Isto está bem melhor. (Maio de 2007).

Observa Elizalde que

“Em *Psorinum* há o tema da transpiração. Grande é o número de sintomas em que suor é sinônimo de debilidade. No lugar de cumprir sua função exonerativa, ele é manifestação de diminuição da força. Há, inclusive, um experimentador, um enfermo, que diz “o suor como do último esforço” [3, p. 397], como o suor da agonia.”

Quando eu quebrei a perna estava com 57 anos, e não estava nem aí. Aí eu quebrei o fêmur, fiquei 3 meses em cadeira de rodas, e a partir daí a coisa começou a ficar brava. Antes de quebrar a perna eu me vestia, pintava o cabelo, e depois de quebrar a perna eu tive uma regressão física muito grande, e entrei num processo de regressão. Achei que era o ultimo desastre da minha vida, e aí veio uma depressão muito grande. (Maio de 2007).

“Em *Psorinum* há o tema do romper, rasgar, do ferimento e da suscetibilidade exagerada aos traumatismos e suas conseqüências. O menor traumatismo o afeta de uma maneira desmedida. Diz Allen [3, p. 392]: “freqüentemente tensões ou extensões leves dos músculos às vezes provocam as mais violentas enfermidades: desmaios, histerias, males de todos os graus, febre, hemoptise, etc.”

Entendemos como tal ocorrência em sua vida torna-se o que Masi Elizalde chama de Idiossincrise, isto é, algo ocorreu em sua vida, a queda e conseqüente fratura, que lhe afeta desproporcionalmente, pois é semelhante à sua Psora. No caso, detonando um grave quadro mental de depressão e anorexia.

Nessa altura o que interessa é que eu tenha forças suficientes para continuar organizando este pensamento, estudando, e escrever um livro, porque isso é uma coisa que eu tenho que não pode ficar só na minha cabeça sem interlocução.

Acho muito legal colocar esse projeto até o fim da vida, meu projeto é a pintura e escrever. [...]

A minha pintura está mais consistente, primeiro porque estou executando, e depois saindo de uma coisa figurativa, é concreto, o real, a materialidade, e agora estou passando para o que eu não conheço, para o abstrato, que sempre foi mais difícil para mim. A pintura não depende do real, ela é o real em si mesmo. Poder pintar é uma bênção. (Maio de 2007).

Eu acho que melhorei bastante, fisicamente estou mais forte e de cabeça também estou mais forte. [...]

Bem melhor de estado geral, mais forte, com mais vontade de comer, dormindo bem melhor, saio de casa para o ateliê com o maior prazer.

O sono está mais tranqüilo, era mais agitado e entrecortado, durmo às 7/ 8 e vou até 1 hora e aí durmo de novo e acordo às 5 horas.

Apetite aumentou, eu estou bem melhor, mastigando mais a comida, saboreando mais a comida, estou melhorando, bastante, estou mastigando.

A alimentação bem melhor, como até coisas mais sólidas.

Estou bem mais forte e com bem mais energia, estou até fazendo comida!

Vou colocar meus dentes definitivos na sexta feira [engordou 8 quilos]. (Junho de 2007).

Elizalde considera que

“Há no medicamento o tema da debilidade, emagrecimento, falta de reação vital. Segundo Clarke [2, p. 892], é “especialmente indicado em constituições psóricas, falta de reação depois de enfermidades severas, crianças pálidas, enfermos delicados, crianças de aspecto doentio”. O key-note principal de *Psorinum* é a perda de reação vital, prostração depois de enfermidade aguda. A consciência de sua debilidade o irrita [3, p. 351].”

As circunstâncias exteriores não mudaram tanto ou quase nada. Eu é que estou mudando e isso está me dando segurança, mas ainda tenho pânico desta questão da idade. Quando me dei conta da minha idade foi uma pancada na minha cabeça, que não tinha idéia que a vida correu e que o tempo tinha passado tão rápido.

A questão de meus pais com Alzheimer, com 89 e 90 anos [gesto de levar as mãos para a frente]... minhas irmãs me disseram que pedem para eles morrerem, é uma coisa terrível.

Não sei se alguém merece aquilo, dá muito medo de ter uma doença dessas. Em relação a minha família ficou tudo um poço negro. Todos estão envolvidos nas doenças deles, eles estão doentes há alguns anos e eu não vou lá, me dá sentimento de culpa, mas eu não conseguia ver aquela deterioração deles.

Isso dá muito medo porque o Alzheimer é um inferno.

Quem sobrevive à família é um herói. Sempre tive medo e pânico na infância, pesadelos. Moravam todos na minha casa. Acompanhei desde criança as doenças dos velhos e eles morrerem, avós e bisavós, mas isso é coisa do passado. Depois saí e fui para a faculdade e esqueci daquele sentimento de insegurança e desproteção em relação à vida, e foi isso que voltou agora. (Junho de 2007)

“Em *Psorinum* há o tema da putrefação/deteriorização. O experimentador descreve seu estado dizendo que está como que apodrecendo interiormente [3, p. 400]. Também tem a idéia da putrefação, além de manifestá-la em suas exonações [3, p. 346].”

Observamos que o tema da deteriorização está presente na adolescência da paciente dos 14 aos 18 anos, quando em crises de pânico e de ansiedade tinha pesadelos em que seu corpo se degenerava, se decompunha, de forma que agora, numa nova situação de eurritmia vital, pode perceber o porquê de ter se afastado da família, segundo ela, em “deteriorização”, confirmando assim o tema do medicamento.

Isso gerou uma grande depressão em mim, mas eu estou mudando internamente, ficando mais forte para enfrentar o horror que é verdadeiro, concreto, morte, doenças, diminuição de dinheiro quando meu marido se aposentar. E eu não tenho mais perspectiva de trabalho pela minha idade. Tenho que ficar escrevendo e pintando, mas é um luxo, que sempre foi o que sempre quis, mas no momento que estou precisando de ganhar dinheiro.

Por isso eu tenho que ficar forte, pois meu trabalho agora é todo em cima de criação, e só posso criar sem o estado de pânico. E isso melhorou, pois estou me envolvendo internamente com isso, estudando mais a expressão da arte, e isso está me dando mais prazer ultimamente. E isso é que me dá prazer ultimamente, e eu tenho capacidade. Vieram me fazer uma entrevista e eu escrevi rapidamente 100 linhas e fiquei muito feliz, que prazer!, pois aquilo tudo é o que eu sei, me deu muita felicidade. Então o que tenho que fazer é pintar, escrever e ler. A questão da arte me apaixona, acho um das coisas mais extraordinárias que a pessoa fez, porque a história da humanidade é uma história de sobrevivência, física, o ser teve que caçar para comer, lutar contra as intempéries do tempo, as doenças que o homem teve que sobreviver e a arte acompanha a humanidade, e a arte não tem uma serventia como o pão, o casaco, a comida, e ela continua, ela é tão importante como o pão porque ela é uma linguagem. Quando você vê a origem das coisas você vê pela parte da criação, é uma relação visceral e primitiva em relação à criação e em relação à sobrevivência.

Por isso que estou melhorando também. Percebo a realidade e vejo que tenho um parâmetro mais real das coisas. (Junho de 2007).

Vemos que, no seu processo de cura homeopática, a paciente faz uma releitura de seu mundo pessoal, incluindo seus conhecimentos, aptidões, e profissão com a perspectiva de sua idiossincrasia, quando se refere a que “a história da humanidade é uma história de sobrevivência”, confirmando mais uma vez a Psora do medicamento.

Em *Psorinum* há como hipótese da Psora primária, na vivência da Psora, a dificuldade de passar de potência a ato, o drama genérico da enfermidade humana. Como nos diz Masi em sua hipótese:

“Poderia ser uma pessoa que vive questionando tudo intelectualmente, quer saber tudo, está sempre em dúvida sobre as coisas, inclusive sua saúde. Em psora, a consideração das múltiplas potencialidades que tem, e o temor de não poder realizar o ato correspondente. Medo de não poder realizar o que tem potencial. Por isso pensa que falhará em suas ocupações, falhará em seu trabalho, e podemos ampliar a muitas manifestações da luta de passar da potência ao ato. Quer dizer, como bom representante da psora, daria o quadro tradicional do enfermo psórico: com sua inteligência plena, intacta, cheio de projetos, porém não pode realizar um esforço para cumpri-los.

Está evidente o problema da boa *vis medicatrix*, porém insuficiente. Quer dizer, a *vis medicatrix* vai mostrando em *Psorinum* todas as etapas, desde uma muito boa *vis medicatrix* até uma péssima *vis medicatrix*. Veremos tendência, ao menos lesional, que é admitir parasitas, em um grau menor, a afetação da pele de forma predominante. A capacidade de manter por muito

tempo as exonerações (não se pode suprimi-las, e tampouco as suprime espontaneamente).

Mas depois começa cada vez a mostrar uma *vis medicatrix* menos potente, vemos como vai afetando os gânglios, as serosas, as articulações, os ossos, todas as estruturas corporais. A impossibilidade de realizar esforços (normais para outras pessoas), e por isso a debilidade, a perda de força vital o enfermam gravemente. Esta consciência de sua incapacidade de autocura o leva a ter muito vigente a idéia da morte, que está apodrecendo, e o manifesta despreendendo odor de carniça.

E por que *Psorinum* pensa tudo isso? Porque pecou, como diz a ilusão, e perdeu seu dia de graça. E é tal a noção de pecado, que se sente manchado e sujo.

Dá a sensação de que é o remédio do pecado original por antonomásia, em suas repercussões sobre a vitalidade, sobre a vida mesma.

Como é personalizado o paciente *Psorinum*? Em que aspecto do pecado fundamenta-se o problema que faz que algumas pessoas se identifiquem com ele, e então sofram ao máximo esta perda da vitalidade comum a toda a humanidade?

Temos sintomas de elevada hierarquia, já vimos um: “pecou”. Porém, em que sentido pecou? E pecou a tal ponto que quando deriva até a ególise, cai em pecado de desesperança claramente manifestado, um pecado de tal gravidade que não tem perdão, tal é a blasfêmia contra o Espírito Santo, uma das duas formas de blasfêmia.

Contudo temos sintomatologia de alta hierarquia que nos ajudam a compreender aquela sintomatologia intelectual: perde os pensamentos, não pode pensar, especialmente o esforço de querer pensar demasiado o faz perder os pensamentos instantaneamente. Isto me levou a considerar a *Suma Teológica* e encontrei, não recorde em qual questão [4, Parte 1, Questão 16, art. 1-3], que Aristóteles nos diz que o que dá a Deus a vida eterna é Sua inteligência sempre em ato.

Isto para mim é o atributo invejado em *Psorinum*: quis possuir uma vida eterna por intermédio de possuir uma inteligência como a divina, permanentemente em ato. E então, como castigo, perde a vida humana. Se recusa a passar intelectualmente da potência ao ato para manter uma certa habilidade, uma determinada função. Porque quis ter uma inteligência em ato permanente, que dá a vida eterna, a vitalidade perfeita.”

Após a medicação na última consulta, ela diz como sintoma novo:

Tive um sonho engraçado, que a minha irmã que cuida dos meus pais... que eu tinha ido para casa deles, que tinha uma cobra de estimação e eu tenho pavor de cobra, pânico de cobra, e ela estava com uma roupinha de boneca. (Junho de 2007)

Apesar de não termos esse sintoma em *Psorinum*, podemos, pelo dicionário de símbolos, entender o significado deste sonho:

“Todas as serpentes possíveis formam, juntas, uma única multiplicidade primordial, uma Coisa primordial indivisível, que não cessa de desenroscar-se, desaparecer e renascer [...]. Mas o que seria essa Coisa primordial senão a vida na sua latência, ou [...] a camada mais profunda da vida? Ela é o reservatório, o potencial, em que se originam todas as manifestações. A vida do submundo tem, justamente, de se refletir na consciência diurna sob a forma de serpente [...]: os caldeos usavam a mesma palavra para **vida** e **serpente** [...]. O simbolismo da serpente está efetivamente ligado à própria idéia de vida; em árabe a serpente é **el-hayyah**, e a vida, **el-hayat** [...]; e [...] **El-Hay**, um dos principais nomes divinos, não deve ser traduzido por **o vivo**, como se faz comumente, mas por **o vivificante**, aquele que dá a vida ou o que é o princípio da vida.” [5]

O conteúdo simbólico do sonho representa, analogicamente, o drama da perda imaginária da paciente, a perda da vida não qualitativamente, mas quantitativamente, como diz Masi Elizalde em sua hipótese. Este sonho demonstra simbolicamente o momento de vitalidade que se encontra frente a este novo estado, onde então sua imaginação recorre a seus conhecimentos simbólicos para a identificação de sua individualidade.

Referências

1. Masi Elizalde A. Uma hipótese sobre *Psorinum*. In: Projeto Homeopatia sem Fronteiras. Rio de Janeiro, 1985. Comunicação oral gravada e transcrita, mas não publicada.
2. Clarke JH. Dictionary of practical materia medica. 2, ed. New Delhi: Jain; 1983.
3. Allen HC. Materia medica of the nosodes. New Delhi: B. Jain Publishers; 1990.
5. Aquino T. Suma teológica. São Paulo: Loyola; 2001.
6. Chevalier J, Gheerbrant A. Dicionário de Símbolos. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; 1982.